

PRUDÊNCIA E AS VIRTUDES MORAIS EM ARISTÓTELES

KARINA FERREIRA SILVEIRA¹;
JOÃO HOBUSS²

¹Mestranda da Universidade Federal de Pelotas- Karina.ferreirasilveira@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – João.hobuss@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa discutir alguns aspectos relevantes, sobretudo, dos livros II, VI e VII com referência a outras passagens da obra *Ethica Nicomachea*. Considera-se, sobretudo, a significância da relação entre prudência e virtude moral no que diz respeito a uma ética das virtudes em Aristóteles, bem como, uma investigação se há possibilidade de a prudência ser a totalidade das virtudes morais. A doutrina clássica da conexão das virtudes é uma doutrina bem difundida, sendo sustentada por vários filósofos ao longo da história. Para exprimir sucintamente, tal doutrina defende que quem possui uma virtude possui todas. O interesse deste trabalho é saber se tal doutrina pode ser atribuída a Aristóteles, e, se for o caso, como ele a sustentou. Dentre vários comentadores, Alexandre de Afrodisia atribui a doutrina da conexão das virtudes a Aristóteles ao mostrar que as virtudes estariam conectadas entre si, R. Gauthier, por sua vez, defende a tese de uma unidade das virtudes. Tais defesas apresentam-se como “doutrina forte” da conexão das virtudes. Em contraposição, com base nos argumentos aristotélicos, defenderemos que Aristóteles, ao tratar da relação entre virtude moral e prudência, sustentou uma tese mais moderada, a saber, a da conexão das virtudes próprias que o agente adquire através do hábito por intermédio da prudência, sem sustentar que quem possui uma virtude, necessariamente, possui todas.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa desenvolve-se por meio da análise e leitura dos textos, sobretudo de uma das obras mais importantes de Aristóteles, a *Ethica Nicomachea*, detalhando-se ainda, no livro VI. Propõe-se um estudo sistemático e descritivo da referente obra, considerando também os livros I e VII com referência a outras passagens da obra que remetem à temática. Desse modo, trataremos da problemática em torno da “doutrina forte” da conexão das virtudes, na perspectiva da prudência possuir todas as virtudes morais. E ainda, a afirmativa de “quem tem uma virtude tem todas”. Buscaremos também um entendimento a partir dos comentadores, entre eles, Marco Zingano e Terence Irwin. Estes, por sua vez, possibilitam um maior esclarecimento teórico acerca da argumentação

aristotélica. Atribuindo para tal, “uma doutrina moderada da conexão das virtudes”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Considerando, sobretudo, a conexão das virtudes morais e sua relação com a phronêsis, buscaremos compreender a sistematicidade do pensamento aristotélico. Por isso, em primeiro momento, será necessário voltar as suas primeiras explanações do que seja a felicidade e quais conceitos estão envolvidos para que o agente possa alcançar este fim supremo. Desta feita, retomamos as definições de virtude intelectual e virtude moral, virtude natural e virtude própria, disposição de caráter, meio-termo e prudência, sobretudo na obra *Ethica Nicomachea*.

Dado que a felicidade é certa atividade da alma segundo perfeita virtude, evidentemente, teremos de investigar a natureza de tais virtudes humanas, para maior esclarecimento do que seja a felicidade e, ainda, uma ação moralmente boa. A virtude humana está no interior da alma, sendo a felicidade a atividade da alma em conformidade com a reta razão. Para Aristóteles a alma possui duas partes, uma não-racional e outra dotada de razão. Da parte não racional uma se mostra comum e vegetativa e que não participa da parte da virtude humana. Há ainda outra natureza da alma que é não-racional, mas que, em certa medida participa da razão enquanto obediente a ela, ou seja, a parte desiderativa. Da mesma forma, é dupla a parte racional, isto é, uma que possui a razão, própria do caráter virtuoso do agente que pratica a ação, e outra que obedece a razão, sendo a parte desiderativa da alma. Com efeito, ao falar a respeito do caráter é necessário pensar em todos os sentidos a ação moral do sujeito virtuoso. Para isso, Aristóteles recorre ao duplo sentido de virtude, isto é, virtude moral e a virtude intelectual. Sendo a primeira adquirida através do hábito se efetivando na ação moral, e a segunda adquirida através do ensino. A prudência é a única virtude intelectual que opera no âmbito da moralidade.

Aristóteles admiti que o sujeito moral pode agir sem prudência, sem agir segundo as apreensões das razões totais. Logo, agiria segundo virtudes naturais, ou seja, agiria conforme uma “certa disposição” ou um modo natural de agir. Essa inclinação natural de agir depende de um caráter bom ou mau do agente. O agente virtuoso através da repetição de atos bons se torna por excelência um homem virtuoso, adquirindo a virtude própria. Assim, observamos a relação entre virtudes morais e a prudência, pois a prudência aperfeiçoa a virtude moral própria, no interior da qual opera as apreensões das razões. Contudo, a prudência é uma virtude intelectual que aperfeiçoa a virtude moral, fazendo-a passar de virtude natural para virtude própria.

Alguns intérpretes de Aristóteles tentam utilizar-se das suas passagens para afirmar uma “doutrina forte” das conexões das virtudes, onde afirmam que “quem tem uma virtude tem todas” e quem é prudente possui todas as virtudes. Realmente, Aristóteles menciona que a prudência supõe as virtudes morais que o agente possui, pois a prudência opera no âmbito da moralidade e dispõe de uma virtude de caráter própria em conformidade com a reta razão. Mas não requer dizer, que o prudente possua todas as virtudes, e ao mesmo tempo em dada ação particular.

Contudo, a ética de Aristóteles é uma ética da responsabilidade voltada, sobretudo, para o caráter e ação do homem virtuoso. Por isso, a relevância de sistematizar o pensamento aristotélico acerca da conexão das virtudes. Desta feita, evidenciamos o que é próprio do homem virtuoso, isto é, o bem deliberar a partir das apreensões das razões, tornando a virtude natural uma virtude própria. Sendo a prudência a boa deliberação no que tange a ação moral. Dessa forma, a impossibilidade da prudência existir sem virtude moral e a virtude moral própria existir sem a prudência. Ao longo do processo de argumentação filosófica, mostramos que ação do homem virtuoso ocorrerá devido à sua escolha deliberada através dos meios adequados para se alcançar o fim bom e desejável.

4. CONCLUSÕES

Em suma, conclui-se que Aristóteles mostra que a prudência abre-se ao alargamento das virtudes. Tais virtudes são adquiridas através da prática reiterada de ações virtuosas. É evidente que o desejo de Aristóteles seria que o homem prudente, além de possuir a prudência, pudesse ser aquele que possui todas as outras virtudes. Ele deixa em aberto esta possibilidade, reconhecendo que isto seria o ideal. Mas reconhece também a dificuldade de se conquistar todas as virtudes, por causa das particularidades das ações, bem como, a dificuldade de nomear todas as espécies de virtudes. Podemos dizer que aqueles que defendem uma conexão forte das virtudes em Aristóteles reduzem em um número limitado as virtudes existentes para poder afirmar que quem possui uma virtude possui todas. O intento deste trabalho é mostrar que nada obriga que a prudência implique já a presença de todas as virtudes morais. E que a virtude moral faz apelo à prudência, abrindo-se para a apreensão de razões, querendo ser aperfeiçoada pela parte prática da virtude intelectual. A parte prática da prudência se relaciona com a virtude moral, pois as virtudes morais são adquiridas pelo hábito e a prudência, por sua vez, só se efetiva na ação moral. Cada virtude é adquirida integralmente e separada uma das outras, efetivando-se nas ações particulares em que o sujeito está inserido. Tal processo ocorre, sobretudo, a partir da escolha deliberada, onde a prudência atua sobre os meios corretos e a virtude moral sobre o fim bom, belo e justo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Col. Os Pensadores)
- ARISTÓTELES. **Ethica Nicomachea**. Ed. I. Bywater. Oxford University Press, 1988. (Oxford Classical Texts)
- ARISTÓTELES. **Nicomachean Ethics**. 2ed. Translated, with introduction, notes, and glossary, by T. Irwin. Indianópolis/Cambridge: Hackett, 1999.
- ZINGANO, M. **Estudos de ética antiga**. 2ed. São Paulo: Discurso Editorial. Paulus, 2009.
- ALEXANDER, of Aphrodisias. **Ethical problems**. 3ed. Translated by R. W. Sharples. Cornell University Press, 1990.
- GAUTHIER, R. **Comment**. Louvain 2ed. 1970, p. 558-559.

AQUINAS, T. **Commentary on Aristotle's Nicomachean Ethics.** Translated by C. J. Litzinger. Dumb Ox Books, 1993.